

REPORTAGEM ESPECIAL

Grande Vitória é região mais violenta do País

Pesquisa diz que são 78,2 mortes para cada 100 mil habitantes. Depois da Grande Vitória, vêm Recife e Rio

ALINE NUNES
MAURÍCIO XAVIER

Após a identificação do município da Serra como o mais violento do Brasil, uma nova pesquisa coloca o Estado outra vez no topo do ranking da criminalidade: a Grande Vitória é a região metropolitana com maior índice de homicídios – 78,2 por 100 mil habitantes – no País.

Atrás da Grande Vitória, estão Recife (76,7), Rio de Janeiro (62,6), Maceió (56,9) e São Paulo (51,7).

O levantamento foi feito em 2003 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), do Ministério do Planejamento, para a publicação Radar Social que, entre outros aspectos, traz dados sobre segurança pública. O estudo demonstra, por exemplo, onde está concentrada a violência.

“É possível verificar que quase todas as capitais e regiões metropolitanas com mais de um milhão de habitantes apresentam taxas de vítimas de homicídios superiores às dos estados a que pertencem”, informa a pesquisa, divulgada ontem.

O número de habitantes, nesse caso, é o fator que determina que a pesquisa refere-se à Grande Vitória e não apenas à capital. A Região Metropolitana tem mais de um milhão de moradores, enquanto Vitória não chega a 310 mil.

Em relação aos estados, o Espírito Santo aparece em segundo lugar: 50,5 vítimas por 100 mil habitantes. Na primeira colocação, juntos, Rio de Janeiro e Pernambuco com 54,7

Impunidade é um motivo

Facilidade de acesso às armas, impunidade e a atuação do crime organizado são apontados, entre outros fatores, como causas para o aumento no número de homicídios no País.

Pela pesquisa, o crime organizado, por exemplo, engloba tráfico de drogas, seqüestro, roubo de cargas e bancos, desvio de recursos públicos e pirataria.

“A ilegalidade e o risco desses diferentes ‘negócios’ tornam a violência um importante instrumento para a proteção das atividades e dos envolvidos para a



Cena de violência no Bairro da Penha, Vitória: armas de fogo foram usadas em 66% dos crimes

assassinatos, cada.

Em todo o País, o índice de homicídios dolosos – com intenção – cresceu significativamente passando, segundo o instituto, de 11,4 vítimas por 100 mil habitantes em 1980 para 29,1, em 2003.

A motivação para os crimes foi tanto por relação com criminalidade, quanto por questões pessoais. Armas de fogo foram usadas em 66% dos casos.

Pela pesquisa, os assassinatos foram, ainda, a primeira causa determinante de morte de homens de 15 a 39 anos e a terceira causa em qualquer faixa etária, segundo dados coletados junto ao Ministério da Saúde.

Quanto ao fato da Serra ser o município mais violento, o levantamento – que verificou a taxa de homicídios em cidades com mais de 300 mil habitantes – também foi realizado pelo Ipea e divulgado no início de abril. Nele, constatou-se que de cada 100 mil moradores, 97 têm chance de ser assassinado em um ano. A média nacional é de 35,5.

solução de disputas”, ressaltou o documento.

O tráfico se destaca nesse contexto, segundo o levantamento, porque o País participa desse comércio de diferentes formas: como produtor (principalmente de maconha), distribuidor (especialmente de cocaína) e como consumidor (maconha, cocaína, ecstasy, crack e heroína).

A ação das quadrilhas provoca, entre outros problemas, um alto número de assassinatos de policiais e usuários, tráfico de armas e aliciamento de crianças.

A ESCALADA DA VIOLÊNCIA

Taxa de vítimas de homicídio por regiões metropolitanas, capitais e estados - 2003 (por 100 mil habitantes)*



*Embora apareça Vitória no gráfico, o resultado é referente à Região Metropolitana, pois a pesquisa foi feita em capitais e regiões com mais de 1 milhão de habitantes. Vitória, sozinha, tem cerca de 310 mil.

Fonte: Ipea

Majoria se tranca em casa

Muitas vezes não é preciso ser vítima da violência para que as pessoas se tranquem dentro de suas casas com medo de pararem nas mãos dos bandidos. A sensação de insegurança já tem provocado diversos tipos de reações – e até distúrbios psicológicos – entre os que vivem nas cidades consideradas violentas.

A pesquisa mostrou que 57% dos entrevistados admitiram já ter evitado locais ou pessoas por questões de segurança e 34% afirmaram se sentir inseguros para circular pela vizinhança quando escurece.

“As altas taxas de vitimização e sensação de insegurança existentes favorecem a incidência de vários problemas, como síndrome do pânico, redução de contatos sociais, apoio a soluções populistas e ineficazes (pena de morte e tortura) e apoio a abusos de policiais e grupos de extermínio”, relacionou o estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Se comparado a outros países, a situação no Brasil é bastante grave, pois é um dos poucos a ter uma taxa de homicídios acima de 20 casos por 100 mil habitantes. Aqui são 23,4 vítimas, enquanto em países como Estados Unidos, França e Canadá o índice gira em torno de 5 assassinatos.

As principais vítimas são homens e negros e muitos dos crimes são resultado de conflitos interpessoais, quer dizer, com familiares, amigos, vizinhos, geralmente próximo de casa – às vezes até na residência – em bares e clubes.

Agora, as causas da violência, segundo a pesquisa, ainda são motivo de debates especialmente porque o senso comum costuma responsabilizar a pobreza. “Os números mostram, no entanto, que a maioria absoluta das pessoas pobres não está envolvida com a criminalidade. E mais: os ricos praticam vários crimes, violentos ou não”.

Pesquisa não mostra o real, diz Selma

Embora admita que, em 2003 – primeiro ano da atual administração –, o Estado encontrava-se numa situação delicada em relação à segurança pública, a chefe de Polícia Civil, delegada Selma Couto, não acredita que a pesquisa reflita a realidade da violência no País.

“Os nossos dados são transparentes, concretos. No Rio de Janeiro, por exemplo, a questão do cemitério clandestino nas favelas é seríssimo. Quando descobriram o corpo de Tim Lopes (jornalista assassinado), havia mais de 200 corpos enterrados no alto da favela”.

“Não resta dúvida que o trabalho é bastante árduo e ainda há muito o que fazer. Mas, em 2003, trabalhamos sem ter recebido investimentos, e foram solucionados todos os crimes de repercussão. Investigamos todos os casos e, ano a ano, o número de homicídios tem reduzido”, acrescentou Selma Couto.

Como exemplo, a chefe de Polícia citou a redução dos assassinatos em maio. Em 2004, foram 148 contra 113, neste ano.

Uma observação do estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), de certa forma, dá respaldo à avaliação de Selma Couto.

Os pesquisadores afirmam que é difícil uma comparação entre os estados porque não há uma padronização dos dados produzidos pelos governos estaduais e municipais.

“Mesmo trabalhando com o Sistema de Informação de Mortalidade do Datasus, um banco de dados nacional, há indícios de falhas na uniformização dos dados sobre as mortes. O maior problema está na categoria ‘eventos cuja intenção é indeterminada’ no atestado de óbito”, revela a pesquisa.

Isso significa dizer que, quando o médico não sabe se a morte foi intencional ou acidental, não pode ser classificada como homicídio. E ao deixar de considerar esses casos, muitos assassinatos de um estado podem não compor a taxa de vítimas.

“Se fosse considerado que todas as mortes especificamente por armas de fogo compõem a categoria ‘eventos cuja intenção é indeterminada’ são na verdade homicídios, alguns estados teriam muito mais novos casos de mortes, como a Bahia (676) e Rio de Janeiro (363) e subiriam no ranking”, destacou o estudo.

A pesquisa informa, ainda, que os registros de ocorrências criminais pela polícia sofrem com a falta de padronização nacional e com a subnotificação dos casos, ou seja, em muitos a polícia não é procurada.